

LINGUAGEM E DESLOCAMENTO EM *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS.

Carolina Duarte DAMASCENO⁷

Resumo: Este artigo almeja analisar as reflexões do protagonista de *Angústia*, de Graciliano Ramos, sobre a questão da linguagem. Mostrar-se-á como esse tema se associa à identidade do narrador, estando também ligado ao seu deslocamento diante de grupos sociais. A partir de sua ambígua relação com a linguagem, serão apontados também alguns limites da leitura política desse romance.

Palavras-chave: *Angústia*. Graciliano Ramos. Linguagem. Identidade.

Abstract: *The present work aims to analyze the reflections of the protagonist of Angústia, by Graciliano Ramos, on the question of language. The connection between this subject and the narrator's identity will be shown. Moreover, the relationship between language and the protagonists' displacement from social groups will also be addressed. Finally, some limits to the political approaches in this novel will be analyzed from the point of view of the protagonists' ambiguous relation with the language.*

Keywords: *Angústia*. Graciliano Ramos. Language. Identity.

Angústia, de Graciliano Ramos, é repleto de elementos metalinguísticos de diversas ordens. Além de desencadear reflexões sobre a função da escrita e o papel da experiência ficcional, esse inovador romance de 1936 põe em pauta a relação entre linguagem e identidade. Este artigo se propõe a analisar o alcance desse cotejo, mostrando como fatores linguísticos ressaltam o desconforto existencial do protagonista, Luís da Silva. A partir da análise de trechos nos quais ele explicita as barreiras que a linguagem interpõe entre ele e grupos socialmente menos favorecidos - bem como seu apego a elas - a leitura política do romance será relativizada.

Este estudo toma como ponto de partida uma cena do romance na qual Luís da Silva, sentado num café, brinca com as letras dos anúncios escritos no espelho, formando novas palavras. Esse passatempo, possível metáfora do processo de escritura,

⁷ Mestre em Teoria Literária na UNICAMP (Campinas, São Paulo, Brasil) e doutoranda na mesma instituição. carolinaddf@yahoo.com.br.

inevitavelmente o faz ver sua imagem projetada entre as letras. A justaposição das palavras e do espelho leva-o a uma reflexão que une sua imagem e seus contornos de sujeito à linguagem. Ao observar o reflexo de seu rosto, procurando a origem de seus traços entre as linhas, manifesta o desejo de se satisfazer com os anseios mais simples de sua família de origem rural. Entretanto, sente que essa possibilidade é inviável, pois novos sonhos e ambições o impossibilitam de se identificar com seus modelos familiares.

Uma das linhas interpretativas de *Angústia* ressalta justamente a transição do protagonista de um mundo rural para uma realidade urbana. Sob essa ótica, Luís da Silva marcaria o final melancólico de uma família, cuja decadência se reflete na abreviação de sobrenome ao longo das gerações: seu pai, filho de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, é reduzido a Camilo Pereira da Silva e o narrador, por sua vez, deve se contentar com o ainda mais simples e habitual “da Silva”. Segundo esse enfoque⁸, ele estaria entre dois mundos, porque seus valores de criação e o passado aristocrático de sua família, que ele só alcançou em uma fase já decadente, dificultam sua adaptação à sociedade. Por mais que essa leitura seja pertinente, a singularidade e desconforto existencial do protagonista também podem ser explicados, como se pretende mostrar, pelo viés da linguagem.

Feitas essas considerações, vale retomar a cena do espelho. Ao constatar, diante de sua imagem, o quanto se diferencia de seus parentes, Luís da Silva formula a seguinte pergunta, de cunho fortemente existencial, na qual a linguagem escrita ocupa um lugar de destaque: “Para que me habituei a ler papel impresso, a ouvir o rumor de linotipos? Desejaria calçar alpargatas, descansar numa rede armada no copiar, não ler nada ou ler inocentemente a história dos doze pares de França.” (RAMOS, 1953, p.172).⁹

Em seu comentário, o hábito de ler e de escrever aparece como empecilho para a retomada de aspirações genuínas e infantis. Assim, a linguagem desponta nesse romance com um grande agente transformador, que se interpõe entre Luís da Silva e seus familiares, criando grandes barreiras entre eles.

⁸ Essa interpretação é feita por Fernando Gil (1999), Luís Bueno (2006) e Sônia Brayner (1977).

⁹ Todas as citações de *Angústia* seguirão essa mesma edição.

Fatores linguísticos não se colocam, no entanto, apenas entre o narrador e sua família, mas o distanciam também de outros personagens e grupos dos quais já pertenceu ou a que poderia pertencer. Alguns trechos explicitam os entraves de comunicação existentes entre ele e o Outro:

Os vagabundos não tinham confiança em mim. Sentavam-se, como eu, em caixões de querosene, encostavam-se no balcão úmido e sujo, bebiam cachaça. Mas estavam longe. As minhas palavras não tinham para eles significação. Eu queria dizer qualquer coisa, dar a entender que também era vagabundo, que tinha andado sem descanso, dormido nos bancos dos passeios, curtido fome. Não me tomariam a sério [...]. Eu estava ali como um repórter, colhendo impressões. Nenhuma simpatia.

A literatura nos afastou: o que sei deles foi visto nos livros (p. 123-124).

Mesmo quando adota comportamentos similares aos dos “vagabundos”, não inspira confiança, pois suas palavras os separam, do mesmo modo que o apartaram de seus familiares. Seu passado de pedinte e a fome que passou ao chegar à cidade grande não estabelecem nenhuma possibilidade de comunicação ou identificação entre eles, já que sua linguagem torna sua história de mendicância quase inverossímil. Por outro lado, ao se reportar aos livros para ter uma imagem da vida dos miseráveis, ao invés de se remeter à sua própria experiência de miséria, mostra como a literatura, além de afastá-lo dos vagabundos, filtra sua própria trajetória pessoal.

Após ter supostamente assassinado seu rival Julião Tavares¹⁰, encontra mais um vagabundo, a quem acorda para pedir um cigarro. Ao agradecê-lo, alguns obstáculos linguísticos voltam a transparecer:

- *Muito obrigado. Sinto muito dar-lhe incômodo.*

- Hem?

Esta exclamação mostrou-me que o homem havia percebido em mim um animal diferente dele. As luzes da Nordeste cochilavam. Olhei minha roupa. Estava imunda, com um rasgão no joelho, desarranjado. Mas usava palavras de gente bem vestida (p. 221).

Evidencia-se aqui o lugar de destaque atribuído à forma de expressão nos fatores de identificação social. Embora esteja usando roupas rotas e ensanguentadas, podendo a princípio se identificar com o mendigo por sua aparência, certa roupagem estilística o

¹⁰ O relato do assassinato, marcado por alto teor onírico e pela aproximação entre os planos da ação e da narração, torna esse crime questionável (DAMASCENO, 2006).

apresenta, aos olhos do outro, como um animal de espécie diferente, independente de quanto traz no bolso ou de sua função na sociedade.

O narrador, graças a sua esmiuçada consciência linguística, dá um peso considerável à linguagem na caracterização das pessoas que observa ou com que convive. A presença de elementos dessa ordem na caracterização de Julião Tavares merece ser ressaltada. Quando conhece seu rival, no Instituto Histórico, seu texto escrito em um estilo rebuscado já lhe provoca antipatia. Ao longo do romance, a figura de Julião é amiúde utilizada para criticar formas vazias e convencionais, próprias ao discurso bacharelesco. A crítica à escrita beletrista, feita também através de outros personagens de Graciliano Ramos - como Evaristo Barroca, em *Caetés* (RAMOS, 1998) e Gondim, em *São Bernardo* (RAMOS, 1976) -, tem desdobramentos. Por um lado, mostra a ligação do escritor com projetos do Modernismo Brasileiro, como o anseio de aproximar a escrita da fala. Além disso, como resalta Marcelo Bulhões (1999), a recusa a essa linguagem artificial é também um ataque à ideologia nela presente.

Ao imaginar como seria a parteira procurada por sua ex-noiva Marina, o narrador comenta: “D. Albertina sabia umas coisas, como eu, e como eu usava linguagem diferente da linguagem das outras pessoas” (p. 187). Esse interessante contraponto entre seu modo de expressão e o dos demais pode ser melhor compreendido com a teoria de Bakhtin no horizonte. Segundo ele (BAKHTIN, 1978, p. 95), as línguas dos grupos sociais representam seus respectivos pontos de vista, já que a linguagem está atrelada a uma determinada concepção de mundo. A proposição do teórico russo aumenta o alcance das disparidades interpostas entre Luís da Silva e seus interlocutores: a diferenciação estabelecida entre eles, aparentemente restrita a questões de ordem linguística, reflete também aspectos sociais e existenciais. Assim, quando o protagonista afirma que fala diferentemente das pessoas de seu círculo, instaura uma distinção entre ele e o Outro, ressaltando sua singularidade e solidão¹¹.

O desencontro de linguagens, aliado aos elementos que ele reflete e acarreta, constitui um grande obstáculo de comunicação. A impossibilidade de um verdadeiro diálogo entre os homens que é, para Nelly Novaes Coelho (1964), um dos grandes temas de Graciliano, também está fortemente presente em *São Bernardo*. A diferença do modo de expressão de Paulo Honório e Madalena se afigura como um grande fator de

desencontro e incompreensão: “Procuo recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir.” (RAMOS, 1976, p. 168).

A linguagem na obra do escritor parece se configurar como um "universo sempre dividido, lugar de uma eterna não coincidência (entre quem fala e quem ouve, entre o dizer e o dito)”¹², que mais afasta do que aproxima as pessoas. *Angústia*, romance no qual diversos personagens se lançam a tentativas de comunicações impossíveis, é marcado por imagens de incomunicabilidade: Sinhá Germana “passava os dias falando só, xingando as escravas que não existiam” (p. 10); Trajano sempre queria conversar com sua mulher, que já tinha morrido; e, por fim, Vitória, a criada meio surda do protagonista, passa parte de seus dias tentando ensinar em vão seu papagaio inteiramente mudo a falar. Luís da Silva, por sua vez, parece envolto por muros de livros e palavras, que tornam a possibilidade de uma conversação mais efetiva fracassada de antemão. Um diálogo travado com um balconista de um bar de periferia exemplifica seu insulamento:

Inútil conversar com ele. Tenho lido muitos livros em línguas estrangeiras [...]. Certas personagens de romance familiarizaram-se comigo. Apesar de serem de outras raças, viverem noutros continentes, estão perto de mim, mais perto que aquele homem de minha raça, talvez meu parente, inquilino de um Dr. Gouveia, policiado pelos mesmos indivíduos que me policiam (p. 184).

A distância entre os dois, desta vez relacionada especificamente à literatura, é contundente: sente-se mais próximo de personagens de romances estrangeiros que de seu conterrâneo, com quem divide problemas circunstanciais parecidos. A barreira existente entre o narrador e seu interlocutor sugere como a disparidade entre a língua materna e outros idiomas é menor que o descompasso entre seus respectivos modos de expressão. As frases de um são percebidas pelo outro com grande estranhamento, soando ainda mais estrangeiras e incompreensíveis, o que dificulta o entendimento e qualquer tipo de aproximação.

¹¹ Nesse sentido, a afirmação de Franklin de Oliveira é bastante elucidativa: “O desencontro da linguagem remete ao bloqueio em que as pessoas são insuladas. É uma das formas assumidas da solidão humana”. (OLIVEIRA, 1978, p. 112).

A incapacidade de se aproximar desse indivíduo real é imediatamente contraposta à familiaridade de Luís da Silva com alguns personagens de ficção. Essa relação com os seres ficcionais sugere o quanto o narrador se sente menos deslocado no universo literário do que na sua realidade cotidiana. O trecho a seguir indica outro aspecto assumido pela linguagem em Angústia:

Estava tão abandonado neste deserto... Só se dirigiam a mim para dar ordens:

- Seu Luís, é bom modificar esta informação. Corrija isto, seu Luís.

Fora daí, o silêncio, a indiferença. Agradavam-me os passageiros que me pisavam os pés, nos bondes, e se voltavam atenciosos:

- Perdão, perdão. Faz favor de desculpar.

- Sem dívida, ora essa. (p. 25)

A passagem transcrita, além de ressaltar sua extrema solidão - forte a ponto de fazê-lo apreciar que as pessoas pisem em seus pés para ouvir palavras de desculpas - introduz a relação entre linguagem e subordinação. Luís trabalha em um jornal, onde escreve matérias sob encomenda. Sua profissão, que envolve também a atividade de crítica literária e cuja renda é acrescida pela venda de poemas, reforça seu sentimento de ser uma marionete: ele escreve o que lhe mandam, independente de sua opinião ou de qualquer postura ética e ideológica. Graças a sua profissão, a escrita se afigura como uma fonte de humilhação, por anular sua individualidade, transformando-o em um mero instrumento nas mãos alheias:

Que miséria! Escrevendo constantemente, o espinhaço doído, as ventas em cima do papel, lá se foram toda a força e todo o ânimo. De que me servia aquela verbiagem? – Escreva assim, seu Luís”. Seu Luís obedecia. – Escreva assado, seu Luís”. Seu Luís arrumava no papel as ideias e os interesses dos outros. Que miséria! (p. 156)

O trabalho a que se submete para se sustentar torna a linguagem, transformada em mercadoria, reflexo de diversos aspectos que o afligem, como a estrutura capitalista, a política de mercado, o desprezo e o rebaixamento. Assim, em muitos momentos abomina a escrita, que o faz de certa forma cúmplice de um sistema. Essa cumplicidade, salientada ao imaginar como explicaria, em um quadro pós-revolucionário, seus artigos repletos de elogios ao “imperialismo”, aponta para a relação entre linguagem e poder.

Em uma conversa com o chefe da repartição, o protagonista concorda com ele quanto à necessidade de um governo duro. O fato de ele endossar a opinião de seu chefe não seria especialmente significativo, se não fossem suas palavras finais: Luís da Silva defende um governo que reconheça os valores, pois se considera um “valor, valor miúdo, uma espécie de níquel social, mas enfim valor” (p.39). Essa conclusão faz despontar uma relação contraditória: por um lado, sente repulsa por ser um parafuso do sistema; por outro, também se apega a esse sistema, pois está inserido, embora em nível inferior, em sua escala de valoração.

Seu relativo apego a uma ordem na qual, apesar de tudo, ele possui uma função determinada e, por ínfimo que seja, certo reconhecimento, evidencia-se nas passagens dedicadas à perspectiva de uma revolução: “Penso no que acontecerá depois Quando houver uma reviravolta, utilizarão as minhas habilidades de escrevedor? [...]. E Julião Tavares, patriota e versejador? Para que serviria Julião Tavares?” (p.173).

Nesse fragmento, a serventia dos personagens em questão em um quadro pós-revolucionário é discutida concomitantemente, como se não houvesse maiores distinções entre os dois. O papel que Luís da Silva, escritor e intelectual, desempenharia é posto à prova junto com o de Julião Tavares, ambos sendo caracterizados, nessa indagação, de forma pejorativa em relação à linguagem (“escrevedor”, ao invés de escritor; “versejador”, ao invés de poeta). O paralelismo instaurado entre eles, não obstante suas diferenças, pode indicar que, aos olhos dos revolucionários, o protagonista também seria visto com um detentor de certo capital, não financeiro, mas cultural e simbólico. Ainda que diferenças de posses materiais e práticas discursivas distanciem os dois, eles se aproximam pelo fato de escrever e ter o domínio da linguagem. O narrador, graças a seu patrimônio linguístico e intelectual, se insere na mesma escala de valores que seu rival burguês, pois, como afirma Valéry em “Liberdade de espírito” (CASANOVA, 2002, p. 27):

Digo que há um valor chamado “espírito”, como há um valor petróleo, trigo, ou ouro. Disse valor, porque há apreciação, julgamento de importância e também discussão sobre o preço que se está disposto a pagar por esse valor, o espírito. Pode-se fazer um investimento com esse valor; pode-se rastreá-lo, como dizem os homens da Bolsa; pode-se observar suas flutuações em alguma cotação, inscrita em todas as páginas dos jornais, como ela compete aqui e ali com outros valores.

O episódio do aborto introduz novas matizes nesta reflexão: tendo seguido Marina até um bairro miserável, onde ela foi abortar, depara-se com a frase "Proletários, uni-vos", escrita a piche, sem vírgula nem hífen, sobre um muro qualquer. Luís da Silva, em um primeiro momento, tenta amenizar o choque causado pela infração das normas gramaticais, argumentando para si que a mensagem estava clara mesmo com a omissão dos dois sinais gráficos. Todavia, não consegue se convencer e sua revolta com a frase mal escrita irrompe: *Queriam fazer uma revolução sem vírgulas e sem traços? Numa revolução de tal ordem não haveria lugar para mim. Mas então? - Um homem sapeca as pestanas, conhece literatura, colabora nos jornais, e isso não vale nada?. É só pegar um carvão, sujar a parede. Pois sim. Moisés que se arranje. Senti despeito. Afastar-me-iam da repartição e do jornal, outros me substituiriam. Eu seria um anacronismo, uma inutilidade, e me queixaria dos tempos novos, bradaria contra os bárbaros que escrevem sem vírgulas e sem traços. (p. 181)*

Indignado, conclui que não haveria lugar para ele em um mundo no qual as normas gramaticais fossem deixadas de lado. Em tal revolução, qual seria sua função? A perspectiva de a nova ordem revolucionária prescindir de seu conhecimento literário e gramatical é assustadora, pois seu patrimônio linguístico, a que deve seu espaço e serventia na sociedade, seria reduzido a uma moeda velha e insignificante. Nesse fragmento, a diferenciação linguística anteriormente estabelecida entre ele e os demais adquire sua forma mais contundente: o narrador não apenas mostra sua incapacidade de vencer as distâncias instauradas pela linguagem entre ele e os outros, mas também seu apreço às barreiras que os separam.

As considerações feitas por Roland Barthes (1989), em sua palestra inaugural no *Collège de France*, são de grande valia para vislumbrar os desdobramentos do comportamento do narrador. De acordo com o autor francês, as diversas formas de poder se manifestam na língua, espécie de legislação e código que obriga a dizer de determinada forma. Destarte, a voz dominadora da estrutura transparece através da voz consciente do sujeito, pois a língua é cúmplice de esferas culturais e sociais vigentes. Sob essa ótica, Luís da Silva, ao não conseguir se desvincular de uma regra gramatical que prega vírgulas e hífen, mostra-se, sob alguns aspectos, comprometido com o poder.

Feitas essas considerações, o foco se volta a uma das grandes vertentes interpretativas de *Angústia*: a leitura política. Essa interpretação, embora presente de forma mais diluída em mais de um trabalho crítico, encontra em Nelson Coutinho (1966) um de seus maiores representantes. O autor, nas trilhas de Lúkcacs e Goldman, se propõe a descrever as estruturas da obra de Graciliano Ramos e relacioná-las com a realidade social brasileira. Nesse viés sociológico/político, o crime que Luís da Silva

alega ter cometido é entendido como um ato revolucionário: assassinando seu rival, ele estaria simbolicamente destruindo a figura do burguês, representada por Julião Tavares.

Seria possível enumerar uma série de limitações desse enfoque, como a possibilidade do crime, altamente onírico, ter ocorrido somente na esfera da imaginação (DAMASCENO, 2006) ou as divergências de Luís da Silva em relação a seu amigo Moisés – personagem comunista, partidário da luta armada. Todavia, optou-se aqui por sugerir apenas ressalvas vinculadas à questão da linguagem.

O apego do narrador às convenções gramaticais, bem como às barreiras linguísticas entre ele e os demais, indica sua ligação com o poder e com *status quo* vigente. Obviamente, essa relação é oscilante e contraditória, pois, como foi mostrado, o personagem, ao mesmo tempo em que ataca os moldes da sociedade em que vive, não abre mão de alguns valores nela presente. Mesmo conflituosa, entretanto, essa relação não pode ser ignorada.

Se o crime simboliza uma revolução comunista, ele se incomodaria tanto com os erros de gramática na clássica frase revolucionária pichada no muro? Não seria mais provável que tratasse a ausência dos sinais gráficos como mero detalhe? Por que se equipararia a Julião Tavares, seu inimigo burguês, ao especular sobre o contexto pós-revolucionário? Além disso, os trechos já citados sugerem que a proximidade entre o narrador e o proletariado é bastante questionável. Essa distância, vinculada também a suas origens aristocratas, relativiza sua identificação com o ideário comunista, até porque não parece disposto a se engajar em uma revolução na qual acredita não haver espaço para alguém como ele.

A postura de Luís da Silva diante dos ideais revolucionários é, assim como sua personalidade, bastante contraditória. A tentativa de tomar esse personagem, caracterizado por tamanho desconforto existencial, como símbolo revolucionário, só é possível se parte de sua complexidade for escamoteada. Este parece ser um preço muito alto a se pagar. Melhor seria reconhecer o grande deslocamento do protagonista e se conformar com o fato de que um romance como *Angústia* sempre desafia e desarticula todas as tentativas de interpretação.

Referências

- BAKHTIN, M. **Esthétique et théorie du roman**. Tradução de Daria Oliver. Paris: Gallimard, 1978.
- BARTHES, R. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BRAYNER, S. Graciliano Ramos e o romance trágico. In: BRAYNER, S. (Org). **Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1977.
- BUENO, L. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- BULHÕES, M. M. **Literatura em campo minado: a metalinguagem em Graciliano Ramos e a tradição literária brasileira**. São Paulo: Annablume: 1999.
- CASANOVA, P. **A República Mundial das Letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- COELHO, N. N. **Tempo, solidão e morte**. São Paulo: Conselho estadual de Cultura, 1964.
- COUTINHO, N. Uma análise estrutural dos romances de Graciliano Ramos. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 5/6, p.107-150, março de 1966.
- DAMASCENO, C. D. Apontamentos sobre o lugar da ficção em *Angústia*, de Graciliano Ramos. **Revista Sínteses**, Campinas, v.11, p.139-152, 2006.
- GIL, F. C. **O romance da urbanização**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- MARINHO, M. C. N. **A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos**. São Paulo: Humanitas, 2000.
- OLIVEIRA, F. **Literatura e civilização**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.
- RAMOS, G. **Angústia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- _____. **São Bernardo**. São Paulo: Círculo do livro, 1976.
- _____. **Caetés**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- VALÉRY, P. La liberté de l'esprit. *Oeuvres v.II*. Paris: Gallimard, 1960. APUD